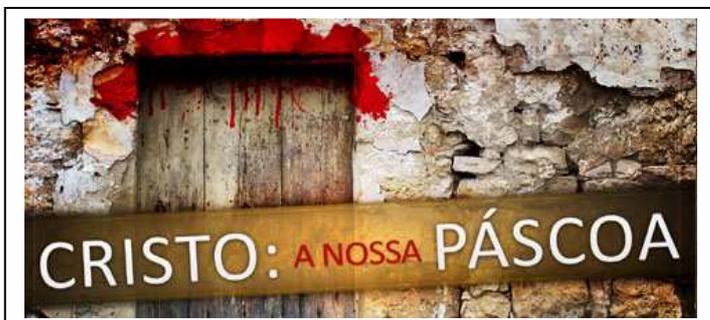


## CRISTO: A NOSSA PÁSCOA!

---



fermento." (1Coríntios 5.6-8 – Nova Versão Transformadora)

"[6] Não é nada bom se orgulharem disso. Não percebem que esse pecado é como um pouco de fermento que leveda toda a massa? [7] Livrem-se do fermento velho, para que sejam massa nova, sem fermento, o que de fato são. Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado. [8] Por isso, celebremos a festa [da Páscoa] não com o velho pão, fermentado com maldade e perversidade, mas com o novo pão da sinceridade e da verdade, sem nenhum

Domingo de Páscoa! Dia de reunirmos a família, os amigos, organizarmos um belo almoço e, juntos, lembrarmos de como o preço do bacalhau está salgado – chega a custar até R\$ 100,00 o quiloi – e como é possível o ovo de páscoa custar cinco vezes o valor da mesma quantidade de chocolate no formato em barraz.

Assim como ocorre no natal, na ocasião da páscoa as famílias têm o hábito de reunir a parentela. Mas em muitos casos, a família não se reúne por causa da comunhão. Mas tão somente por causa da refeição. Infelizmente, há várias discrepâncias entre o verdadeiro significado da Páscoa e a forma como ela é “celebrada”. Anualmente o colorido dos ovos que representam o nascimento, a vida; a fofura dos coelhos que representam a fertilidade, os deliciosos chocolates que representam a força rejuvenescedora, somados ao consumismo e materialismo presente em nossos dias, roubam de muitas pessoas a oportunidade de refletir sobre o momento mais marcante da história do cristianismo – a ressurreição de Jesus. O cristianismo é essencialmente a religião da ressurreição. De certa forma, o túmulo vazio de Cristo foi o berço da igreja. A igreja cristã tem a ressurreição gravada sobre si.

Nas igrejas evangélicas se discute muito sobre a perda de **significado** que a Páscoa tem sofrido no decorrer dos últimos anos. Mas o que esse substantivo de fato representa? O conceito etimológico do termo “*significado*” tem raiz na palavra “*signo*” que quer dizer “*sinal*”, “*símbolo*”, “*marca*” de alguma coisa ou alguém. De forma que o verbo “*significar*” expressa o conceito de “*ser símbolo ou representante de*”<sup>3</sup>. Sendo assim, **a Páscoa é o símbolo, a representação daquilo que a ela está**

---

<sup>1</sup> ARCE, Bruno & Campos, Karina. Procura por peixe aumenta, mas consumidor reclama do preço "salgado". **O Estado Online**. Disponível em: <http://www.oestadoonline.com.br/2016/03/procura-por-peixe-aumenta-mas-consumidor-reclama-do-preco-salgado>. Acesso em: 26/03/2016.

<sup>2</sup> MALDONADO, Caroline. Com preço do ovo de Páscoa, dá para comprar até 5 barras de chocolate. **Campo Grande News**. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/economia/com-preco-do-ovo-de-pascoa-da-para-comprar-ate-5-barras-de-chocolate>. Acesso em: 26/03/2016.

<sup>3</sup> CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 595 p.

**associada.** E com certeza, é algo bem diferente de coelhos que, pelo fato de serem mamíferos, não põem ovos – ainda mais feitos de chocolate.

Na Bíblia a palavra “páscoa” é citada pela primeira vez no capítulo 12 do livro do Êxodo. Faz referência à festa instituída por Deus em comemoração da libertação de Israel do Egito e, figurativamente, uma antecipação do sacrifício expiatório de Jesus. Na ocasião dos preparativos para a páscoa, para cada família um cordeiro macho de um ano, sem defeito, era morto à tarde, por volta das 15h – o mesmo horário em que o Senhor Jesus, o Cordeiro de Deus, morreu na Cruz do Calvário (cf. Marcos 15.33-37). Após ser sacrificado, um pouco do sangue do animal era colocado nos batentes e na viga da porta de entrada das casas onde a páscoa seria celebrada (cf. Êxodo 12.1-7). À noite a carne do cordeiro era assada no fogo e consumida pela família juntamente com pães sem fermento e ervas amargas (cf. Êxodo 12.8).

O termo “páscoa”, do hebraico פֶּסַח (*pēsah*), traz a conotação do “*misericioso ato em que um poder destruidor passa por cima sem danificar*”. O vocábulo deriva de פָּסַח (*pāsah*), que significa “*passar por cima, saltar por cima*”<sup>4</sup> em alusão ao momento em que Deus, ao atingir o Egito com a décima praga (a morte dos primogênitos), “passou por cima” das casas que tinham a marca do sangue do cordeiro exposta nos batentes e na viga da porta de entrada (cf. Êxodo 12.13, 27).

Seis elementos faziam parte da páscoa judaica. Cada elemento tinha um significado especial. São eles: **cordeiro pascal** (proteção contra o anjo da morte), **pães sem fermento** (lembravam a saída urgente de Israel da terra do Egito), **água salgada** (lembrava as lágrimas derramadas pelos israelitas durante os quatrocentos anos de escravidão no Egito), **ervas amargas** (lembravam as amarguras e os sofrimentos da escravidão no Egito), **sopa de frutas** (lembrava que, por serem obrigados a colher palha e fabricar tijolos para os egípcios, os filhos de Israel não tinham tempo para usufruir dos produtos da terra) e **quatro cálices de vinho** (lembravam as “quatro promessas” iniciais de Deus aos israelitas, em Êxodo 6.6-7 – “E vos *tirarei* de debaixo da carga dos egípcios. E vos *livrarei* da sua servidão. E vos *resgatarei* com braços estendidos e grandes juízos. E vos *tomarei* por meu povo”). A celebração da páscoa se tornou em lei permanente entre o povo de Israel. Na instituição da páscoa Deus disse: “*Este dia será um memorial. Vós o celebrareis como uma festa ao SENHOR e como estatuto perpétuo através de todas as vossas gerações*” (Êxodo 12.14). Assim aconteceu.

Nas narrativas do Evangelho observamos que, poucas horas antes de preso, julgado, condenado e morto, o Senhor Jesus celebrou, com um dia de antecedência, a Páscoa com os seus discípulos (cf. Lucas 22.14-15). Durante a celebração Jesus tomou dois dos seis elementos da Páscoa e deu a eles nova significação. Primeiro Jesus “*tomando o pão e tendo dado graças, partiu-o e o entregou a eles,*

<sup>4</sup> HARRIS, Laird R.; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K.. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Lourenço Redondo; Luiz Alberto Teixeira Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1223-1224 p.

*dizendo: Isto é o meu corpo dado em favor de vós; fazei isto em memória de mim*” (Lucas 22.19). Em seguida Jesus pegou um dos quatro cálices de vinho e disse: *“Este cálice é a nova aliança em meu sangue, derramado em favor de vós”* (Lucas 22.20b). Com essas ações, o Senhor Jesus dá sentido às palavras de João Batista – *“Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (João 1.29) – e transparece o seu papel como cordeiro pascal, cujo sangue seria derramado em favor da humanidade. Através dEle, a morte eterna por causa do pecado “passaria por cima” de todos aqueles que participassem do novo contexto inserido na festa da Páscoa (cf. Êxodo 12.1-11). Foi o próprio Jesus quem disse: *“Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.”* (João 6.53-54).

Jesus estabelece uma nova aliança, que não está presa a rituais litúrgicos ou cerimoniais. Mas que flui do interior de cada ser humano que tem uma experiência única, real e transformadora com Aquele que *“existindo em forma de Deus, não considerou o fato de ser igual a Deus algo a que devesse se apegar, mas, pelo contrário, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens. Assim, na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, Deus também o exaltou com soberania e lhe deu o nome que está acima de qualquer outro nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai”* (Filipenses 2.6-11). Aleluia! **Cristo é a nossa Páscoa!** A melhor notícia que o mundo já ouviu veio de um túmulo – *“Ele não está aqui, mas ressuscitou”* (Lucas 24.6). A história da Páscoa não termina com funeral, mas sim com festa. A ressurreição de Cristo é o amém de todas as Suas promessas!

Por outro lado, como disse certa vez o professor e escritor apologista John Blanchard, *“a ressurreição de Jesus requer não nosso aplauso, mas nossa lealdade; não requer nossos cumprimentos, mas nossa rendição”*. No contexto da passagem bíblica citada inicialmente, o apóstolo Paulo está diante de um caso de imoralidade sexual explícita presente na Igreja em Corinto (cf. 1Coríntios 5.1). Ao lidar com o assunto, Paulo – sem perder de vista o caso lamentável e evidente na Igreja – convoca os cristãos a celebrarem espiritualmente a Páscoa, de forma diária e contínua, e extrai dela lições sobre o modo de vida do cristão como um todo.<sup>5</sup> Tais lições, refletem o verdadeiro sentido da Páscoa para os nossos dias. Que lições são essas? Vejamos:

Em primeiro lugar, **a celebração da Páscoa deve estar isenta de orgulho**. Na carta que o apóstolo Paulo escreve aos coríntios, ele os acusa de serem orgulhosos – *“o vosso orgulho não é bom”* (v. 6). O termo “orgulho”, do grego *καύχημα (kaúchêma)*, se refere ao *“sentimento egoísta,*

<sup>5</sup> BEALE, G. K.; CARSON, D. A.. *Comentário o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Trad. Robinson Malkomes; Fabiano Silveira Medeiro; Valdemar Kroker; Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2014. 881-882 p.

*admiração pelo próprio mérito*". O orgulho nos afasta de Deus e nos força a enxergar apenas a nossa imagem e a contemplar tão somente nossos prazeres e realizações pessoais. A pessoa orgulhosa focaliza a sua atenção sobre si mesmo, e já não olha para Deus, o Criador e Redentor<sup>6</sup>. E como disse Paulo, isso não é bom (v. 6). Gente assim considera comum aquilo que é sagrado e não se importa em profanar o que é santo. Porém, na mesma carta aos coríntios o apóstolo Paulo adverte que nós somos o santuário de Deus e que ele é sagrado – *“pois o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado”* (1Coríntios 3.17b). Além disso, somos chamados por Cristo “para sermos santos” (cf. 1Coríntios 1.2).

Em segundo lugar, **a celebração da Páscoa deve estar isenta de corrupção intelectual e moral**. Na carta aos coríntios Paulo adverte os cristãos a tomarem cuidado com o “fermento”. O apóstolo afirma que *“um pouco de fermento faz com que toda a massa fique fermentada”* (v. 6). O fermento, utilizado geralmente para fazer pão, adultera e corrompe a massa. Mesmo quando ele é aplicado em pequena quantidade, pela sua influência, impregna e infecta totalmente a massa. Diante disso, o termo passou a ser usado metaforicamente para se referir a corrupção intelectual e moral, com tendência de infectar os outros<sup>7</sup>.

O fermento passou a simbolizar a doutrina corrupta (o erro que é misturado com a verdade) e também a prática corrupta (onde os princípios cristãos são vistos como algo facultativo, concessivo e subjetivo)<sup>8</sup>. Não é de hoje que muitas igrejas ditas evangélicas oferecem ao seu público um evangelho diluído, raso, desprovido de autenticidade divina.

Paulo orienta seus leitores a remover o fermento velho, isto é, todo tipo de maldade e corrupção. Em seguida os convida a celebrar a Páscoa com sinceridade e verdade (cf. 1Coríntios 5.7-8). A verdadeira Páscoa se constitui de pureza e não aprova comportamento simulado, falso, teatral. Na época do Antigo Testamento, o fermento era cuidadosamente removido de todas as casas antes da festa anual da Páscoa<sup>9</sup> – até as menores migalhas eram procuradas em todos os cantos da casa, com o auxílio de uma candeia<sup>10</sup>. Paulo considera esse fato uma analogia com a necessidade de santificação da igreja. Toda porção de fermento (pecado) deve ser removida com cuidado da comunidade onde o cordeiro da Páscoa é Cristo. Na verdadeira celebração da Páscoa não há espaço para corações

<sup>6</sup> COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Vol. 2. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1064-1065 p.

<sup>7</sup> STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

<sup>8</sup> VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 651 p.

<sup>9</sup> RICHARDS, Lawrence O. *Guia do leitor da Bíblia: Uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit (Gênesis a Isaías) e Arsênio Novaes Netto (Jeremias a Apocalipse). Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 761 p.

<sup>10</sup> BRUCE, F. F.. *Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. 1884 p.

permeados por práticas maldosas e intenções maliciosas. Devemos “ser” e não “parecer”. É o que somos em Cristo que conta, se vivemos como Aquele que ressurgiu na manhã de domingo.

Em terceiro e último lugar, **a celebração da Páscoa deve estar associada a coletividade**. A Páscoa é uma festa doméstica, familiar, coletiva. Não poderia ser celebrada individualmente. Ainda assim, caso a família fosse pequena, se convidava o vizinho. Até mesmo o Senhor Jesus celebrou a festa da Páscoa coletivamente. Em sua carta, o apóstolo Paulo é claro. Ele não diz “*celebrem a festa da Páscoa*”. Mas ele diz: “*celebremos a festa da Páscoa*” (v. 8). A salvação é individual, mas o desfrutar dela é junto à família, na coletividade. A celebração da Páscoa serve para avaliarmos o que temos feito com a nossa família e com o tempo que dedicamos a ela. O cristianismo está presente no indivíduo, mas não no individualismo.

Por fim, vale a pena mencionar que os judeus, quando celebram a Páscoa, colocam sempre um osso torrado sobre a mesa para se lembrarem de que houve morte para que eles tivessem vida. Mas nós, cristãos, não precisamos de ossos, pois somos testemunhas vivas do poder contido na ressurreição do Senhor Jesus.

*Soli Deo Gloria.*

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 09/04/2017, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP.